

16. CADA POVO UMA CULTURA, CADA CULTURA UMA SENTENÇA: A DIVERSIDADE CULTURAL

Principais conceitos: etnocentrismo, relativismo cultural, diversidade cultural, alteridade, cultura evoluída, cultura primitiva, endoculturação, aculturação.

Objetivo:

Entrar em contato com diferentes perspectivas ou formas de reagir ao contato com a diferença, possibilita uma flexibilidade para compreender que, ao aceitar o ponto de vista do outro, posso enriquecer minha visão de mundo. Aprender com o relativismo cultural essa possibilidade de colocar-se no lugar do outro, é ampliar as possibilidades de soluções criativas.

Introdução:

Existe uma tendência no senso comum a classificar as diferentes culturas em graus evolutivos. “Que povo atrasado!”,

“Isso sim é um povo evoluído!”, são frases corriqueiras em nosso cotidiano. Mas dificilmente nos questionamos sobre o que estamos considerando para julgar alguém dessa forma. A Antropologia entrou nesse debate na segunda geração de pesquisadores, que, ao conhecer mais profundamente a diversidade cultural pela pesquisa de campo, apontou a impossibilidade de tais julgamentos.

Ao formar uma coletividade, o ser humano desenvolve hábitos de convívio e soluções para sua vida social, que podem ser extremamente variados. A isso denominamos diversidade cultural. Nossa reação perante as diferenças de comportamento de um lugar ao outro pode ser orientada de duas formas: ou pelo etnocentrismo ou pelo relativismo cultural. Neste item serão abordadas a rejeição do diferente (etnocentrismo) e a aceitação do diferente (relativismo).

Estamos o tempo todo em contato com universos culturais diferentes do nosso, seja com outros povos, seja com costumes regionais. Por isso é importante exercitarmos nossa capacidade de relativizar as diferenças, considerando a perspectiva a partir da qual o “outro” vê o mundo.

Para a Antropologia, não existem culturas mais avançadas ou melhores. Cada cultura deve ser pensada e respeitada dentro de seu conjunto de elementos e dentro da história de seu povo.

A Antropologia nega a existência de culturas, em estágios de evolução ou primitivismo, e desenvolveu o relativismo cultural, para refletir sobre as diferenças entre as muitas culturas humanas.

16.1 A diversidade cultural.

Vamos nos dedicar a refletir sobre a diversidade cultural.

Vimos, nos itens anteriores, que a cultura é um fenômeno produzido pelo ser humano, mas depende da condução da coletividade, ou seja, ela é construída socialmente, e , não, herdada biologicamente. Isso faz com que em cada lugar e cada época histórica exista uma imensa diversidade de regras, símbolos e formas de conduzir a vida coletiva. É o que chamamos de diversidade cultural.

Podemos considerar algumas conseqüências desse fato. O primeiro deles é que em cada cultura o ser humano desenvolve respostas e soluções, às vezes, completamente originais e diferentes para sua vida em sociedade. Isso tanto em relação a técnicas de sobrevivência e transformação da natureza à sua volta, como nas regras de convívio social. Mesmo em meio ambientes muito semelhantes, podemos encontrar exemplos de formas culturais bastante diferentes entre si. Outra conseqüência é que, quando colocadas em contato, as diferenças culturais suscitam reações que podem ir da simples admiração ou humor até o ódio mais violento. Quando essa reação ao diferente faz com que as pessoas julguem a própria cultura superior à outra; chamamos a isso Etnocentrismo. Para compreender o conceito, “etno” vem de etnia, que significa um povo que compartilha a mesma base cultural – língua, tradições, religião –, e “centrismo” é colocar no centro. Portanto, praticar o Etnocentrismo é o mesmo que colocar minha cultura como centro do mundo, a partir da qual todas as outras são comparadas inferiormente, nunca se igualando à superioridade da minha.

Todos nós somos em alguma medida etnocêntricos, pois é natural preferirmos nosso modo de encarar o mundo ao de qualquer outro povo. Mas o Etnocentrismo pode ser um problema, quando se torna uma forma sistemática e repetitiva para enfrentarmos a diferença, pois assim nos tornamos incapazes de ser flexíveis e admitir novas formas de solucionar as coisas. Ou pior ainda, quando o Etnocentrismo torna-se tão radical que uma etnia deseja exterminar uma outra simplesmente por não tolerar seus costumes e forma de encarar o mundo, ou dominá-la sufocando suas regras, leis e costumes, até que nada de sua originalidade tenha sobrevivido. Hoje em dia temos vários exemplos de “guerras étnicas” no mundo, tanto guerras de fato – para citar a Bósnia, ou a Tchetchênia –, quanto guerras pelo que chamamos “imperialismo cultural”, quando uma cultura impõe-se sobre outras por influências no cotidiano e utilizando-se para isso do mercado, dos meios de comunicação ou de qualquer outra forma de participar dos hábitos de seus indivíduos.

O Etnocentrismo é uma forma de julgar os outros e pode ser praticada em diferentes graus de intensidade. Podemos ser muito etnocêntricos em certos julgamentos e menos em outros.

A diversidade cultural pode ser encontrada não apenas de um povo a outro, de um lugar a outro, mas, por exemplo: dentro de um mesmo país. No Brasil, conhecemos o fenômeno dos “regionalismos”, costumes que mudam de uma região à outra e como resultado temos um país rico em culturas locais. Além disso, sentimos as diferenças culturais entre pessoas que moram em grandes centros urbanos e aquelas que habitam pequenas cidades do interior. Mudam alguns aspectos da cultura brasileira entre esses diferentes ambientes sociais – de uma região à outra, da cidade para ao campo.

Os cidadãos urbanos tendem a achar “atrasadas” as localidades, aonde ainda não chegaram os shopping centers, as grandes avenidas, os viadutos, o aglomerado humano e cultural das grandes cidades. A vida no interior tem outros hábitos, outro ritmo de ocupação do tempo, outras preocupações cotidianas. Assim, de forma etnocêntrica, as pessoas tendem à opinião de que falta “agitação”, “opção”, como se não houvesse “o que fazer” em um lugar menos denso populacionalmente.

A diversidade cultural existe em dois níveis: de uma grande cultura a outras e dentro de uma mesma cultura. Percebemos que, independente de ser alguém do Amazonas, Pernambuco, São Paulo ou Rio Grande do Sul, temos muita coisa em comum, o que nos faz pertencer a um mesmo complexo cultural, uma nacionalidade. Entretanto, de uma região à outra, de um tipo de ambiente social ao outro, existem variações que tornam esse povo único, especial. O uso da linguagem, a alimentação, o trato social, o tipo de humor, se formos pensar minuciosamente, existe uma imensa variação possível dos hábitos culturais.

Na linguagem antropológica, quando estamos lidando com uma pessoa com hábitos diferentes do nosso, com uma outra cultura, estamos perante o “outro”. Esse outro pode ser alguém que não fala minha língua, que não se veste como eu, mas também pode ser alguém que compartilha muitos hábitos semelhantes aos meus e outros nem tanto. A nossa capacidade em relacionar-nos com o “outro” é chamada de alteridade. Essa capacidade torna-nos pessoas mais flexíveis e mais criativas em soluções, pois ampliamos nosso universo de visão do mundo, saindo da própria “casca”. Quanto mais fechados no próprio universo cultural, menos possibilidades temos de compreender a riqueza humana em criar diferentes perspectivas para um mesmo fato.

Você considera o brasileiro etnocêntrico? Pense um pouco sobre isso. Normalmente, o brasileiro julga-se pouco patriota e muito aberto a influências externas. Ao pensar assim, faltamos etnocentrismo, é bem verdade. Entretanto, o brasileiro julga-se o povo mais receptivo, informal e alegre do mundo. Isso é também uma forma de etnocentrismo. Negamos a outros povos a alegria, colocando-nos como superiores nisso, ou, ainda, podemos lembrar que, em relação ao outros povos da América Latina, o brasileiro considera-se “melhor” ou “superior”. Somos etnocêntricos, sim! E vale lembrar que o Etnocentrismo pode acontecer dentro de um mesmo país, como o nosso, comporta diferentes regiões culturais. O paulista, por suas próprias razões, considera-se “melhor” ou “mais trabalhador” que o carioca; “nordestino” ou “baiano” virou apelido pejorativo no Centro-Sul; os baianos, por sua vez, acusam os paulistas de ser um povo sem tradições próprias, entre outros. Todas essas são formas de Etnocentrismo.

Existe uma oposição ao Etnocentrismo? Sim, é o que chamamos de relativismo cultural. Quando somos capazes de avaliar uma cultura alheia, sem utilizar o tempo todo a própria cultura como parâmetro de comparação, estamos relativizando. O relativismo cultural faz parte da Antropologia desde meados do século XX, quando muitos pensadores passaram a defender que não era correto um cientista julgar as culturas como “evoluídas” ou “atrasadas” umas em relação às outras. Para isso usaram argumentos sobre a falta de imparcialidade nesse tipo de pensamento.

O relativismo cultural é uma forma oposta ao Etnocentrismo de posicionar-se em relação às diferenças culturais. O Etnocentrismo é quando não aceitamos algo no outro: o relativismo é quando nos esforçamos para compreender as razões do outro.

Quando julgamos a totalidade de uma cultura “evoluída”, pretendemos que ela esteja avançada ou melhorada em relação a outras que devem seguir esse mesmo rumo de modificações. A pergunta que a Antropologia colocou é: Existe uma única forma de evolução cultural? Todas as culturas devem necessariamente evoluir na mesma direção? Se a resposta que você dá é afirmativa, sim, devemos seguir o modelo das culturas mais evoluídas, então vamos levantar alguns problemas.

O que está sendo considerado, nesse caso, evolução? Podemos dizer que evolução são conquistas tecnológicas? Será que a tecnologia é um quesito suficiente para garantir que uma cultura seja superior, melhor? Vamos analisar. Nas sociedades de tecnologia avançada atualmente, os indivíduos trabalham pelo menos oito horas diárias para sobreviver e necessitam de pelo menos 15 anos de estudos para garantir um nível “médio” de qualidade de vida. Quanto menor o investimento de tempo e recursos para os estudos, menor os rendimentos garantidos para a família. Assim, se não quisermos submeter-nos a uma vida materialmente difícil e com poucos recursos, precisamos investir bastante em nossa qualificação profissional.

Essa situação é completamente diferente em uma tribo, cuja tecnologia resume-se a instrumentos de sobrevivência, como: arados, machados e teares. Um indivíduo de uma

tribo brasileira, por exemplo, trabalha em média três horas diárias e não frequenta escola um dia sequer. Ele não precisa preocupar-se com sua qualidade de vida, pois todos em uma tribo possuem exatamente o mesmo nível econômico. Sua qualificação para o trabalho se dá durante seus contatos com indivíduos mais experientes e as crianças participam com os adultos de todas as atividades, são submetidas desde cedo às estratégias de sua cultura para sobreviver. Como a sociedade não conhece diferenças econômicas, não existe criminalidade, violência ou problemas sociais, como: drogas, prostituição e doenças mentais.

Não é correto para a Ciência pensarmos que “avanço” cultural é apenas o avanço da tecnologia. Muitos povos simplesmente não precisam de mais tecnologia do que desenvolveram, para viver em uma sociedade livre de problemas sociais, como fome ou doenças.

Desse ponto de vista, será que ainda é sustentável afirmarmos que a tecnologia é o quesito mais importante para transformar uma sociedade em evoluída? Podemos mesmo sustentar que evolução pode ser resumida a avanço tecnológico? A Antropologia defende que isso não é possível e que precisamos considerar cada aspecto de uma cultura dentro do próprio contexto, e não necessariamente em comparação com outras. Portanto, existem tecnologias e tecnologias. Quando tecnologia vem associada à destruição ambiental, exclusão social, monopólio de conhecimentos e acumulação de riquezas, podemos afirmar que isso é evolução? Para as Ciências Sociais, não.

Assim, não podemos generalizar nossas comparações, não podemos julgar com preconceitos, ou seja, antes de conhecer e ponderar implicações e aspectos de cada traço de uma cultura como sua tecnologia, seu conhecimento, suas leis ou suas crenças. Isso é relativizar, analisar cada aspecto de uma cultura de acordo com o próprio contexto. Por isso a Antropologia nega a existência de uma hierarquia de culturas, que começaria com as mais “primitivas” ou “atrasadas” e iria até o topo das mais “avançadas” e “evoluídas”. Essa escala única, dentro da qual deveríamos encaixar e classificar cada cultura, só faz sentido se aceitarmos que um índio precisa transformar-se necessariamente no futuro em um operário ou em um executivo engravatado ou em um cientista. As culturas não precisam produzir necessariamente o mesmo tipo de sociedade; cada uma vai construindo a própria história e as próprias soluções de mundo.

Relativizar é aceitar outras soluções de mundo, sem querer transpor, de forma simples, essa solução para um contexto em que ela não se encaixa. Os brasileiros não se adaptam à forma de trabalhar dos orientais, mas podem usar seus conceitos, adaptando-os às suas características, trazendoos seu contexto. O valor da hierarquia para os orientais é tão fundamental que, muitas vezes, não compreendemos sua obsessão em obedecer a ela. Chamamos isso de “submissão”, quando, na verdade, é um fenômeno mais complexo. Se não compreendemos a importância da hierarquia para os orientais em toda sua profundidade, podemos valorizar uma chefia que conduz sua equipe a um trabalho bem-sucedido ou a um subordinado que desempenha brilhantemente suas tarefas. Valorizar e respeitar alguém superior ou inferior na escala de divisão de tarefas, isso é hierarquia.

Quanto mais exposta à diversidade cultural, mais exercícios de alteridade uma pessoa precisa desenvolver. Aprendemos a julgar o mundo pelos valores de nossa cultura, necessário em nossas vidas. Mas nenhum de nós possui a totalidade do conhecimento de nossa própria cultura e nenhuma cultura é isoladamente perfeita. Portanto, a riqueza da diversidade cultural está em mostrar diferentes pontos de vista para questões semelhantes.

A diversidade cultural é tão importante para a humanidade, quanto a diversidade biológica. Sem o equilíbrio e a convivência entre as diferentes culturas, teríamos, com certeza, uma humanidade mais pobre, cuja troca de experiências se limitar-se-ia a repetir sempre as

mesmas soluções. Respeitar e saber aproveitar a diversidade são desafios para o mundo futuro.

16.2 Cultura e visão de mundo

A cultura humana, em sua diversidade, não se expressa apenas por diferentes formas de vestuário, culinária, hábitos cotidianos e rituais. É, também, e, sobretudo, pelos conceitos aprendidos em nossa endoculturação, de que somos capazes de atribuir qualidades e significados à vida.

Endoculturação são os processos de aprendizado dos valores e hábitos de nossa cultura, do lugar onde nascemos. Lembra o conceito de socialização? São realmente muito semelhantes e poderíamos demarcar a diferença entre eles da seguinte forma: a socialização capacita-nos a sermos membros de uma sociedade, a nos comportar coletivamente, enquanto endoculturação é um processo de socialização que reforça valores, idéias, hábitos e crenças de nossa cultura. Assim, ao passarmos pela endoculturação, tornando-nos membros dessa cultura, sendo aceitos como “iguais”, por compartilharmos, em grande parte, a mesma visão de mundo.

Uma antropóloga norte-americana, Ruth Benedict, é autora de uma frase explicativa e poética para definir cultura. Ela afirma que cultura “... são as lentes através das quais vemos o mundo”. Dessa forma, em sua afirmação, podemos compreender que entre o mundo que nos rodeia e seu intérprete – nossa mente, existem lentes, uma espécie de “filtro” que possibilita conceituar, qualificar e dar sentido a tudo que nossa mente apreende. A cultura faz esse papel de “lentes”. Em cada uma delas, o ser humano interpreta de forma diferente o que vê, como entender fenômenos e situações, como julgar e conceituar tudo que acontece à sua volta, até mesmo na própria mente.

O que se afirma, é que não existe uma total objetividade na forma como o ser humano observa, apreende e conceitua o mundo. Existem, sim, métodos de conhecimento que podem chegar a uma objetividade maior, como a Ciência, a Filosofia. Já o senso comum e as religiões não exigem objetividade, pois são formas de conhecimento atravessadas por valores próprios dos quais não podem desfazer-se. Quanto ao senso comum, as afirmações são feitas sem qualquer pesquisa ou indagação; para as religiões, existem os princípios de fé em preceitos e dogmas que afirmam verdades sobre o mundo.

Quando conversamos sobre o mundo, baseados no senso comum, afirmamos aquilo que nossa cultura ensina-nos a ser verdadeiro, tudo que vemos é por suas lentes. Quando conversamos sobre o mundo, baseados em uma religião, afirmamos aquilo que nossa fé ensina-nos a ser verdadeiro. Quando conversamos sobre o mundo, baseados na Ciência ou na Filosofia, precisamos aceitar certas verdades, mesmo que não sejam adequadas à nossa moral, princípios religiosos ou preconceitos.

A cultura não é apenas aquilo que o homem realiza no mundo exterior. É também uma forma de olhar para o mundo, é receber valores para conseguir-se posicionar em relação ao mundo.

A cada cultura corresponde uma forma específica de ver o mundo. No Japão, por exemplo, a reação esperada em um funeral é que as pessoas sorriam e não demonstrem tristeza pelas lágrimas. Para o povo havaiano, antes da colonização inglesa, as erupções vulcânicas eram explicadas como uma forma de comunicação dos deuses com a tribo, e, não, como fenômeno da natureza. Eles estão errados? Da perspectiva de suas culturas, não. É a maneira como interpretam, de acordo com seus valores, o mundo e reagem da forma adequada a seu grupo social. Isso é visão de mundo.

Existe possibilidade de mudança nessas visões de mundo? Sim, a cultura é algo que está o tempo todo em transformação. Ao entrar em contato com outro povo, vários tipos de mudanças são possíveis, bem como o reforço de antigos valores culturais.

Para uma parte dos antropólogos, quando uma cultura modifica-se em função do contato com o “outro”, seja em pequenos aspectos, seja mesmo de forma avassaladora, denominamos aculturação. É quando substituímos valores de nossa cultura original pela de outros. Poderia ser aplicado ao exemplo acima, o povo havaiano. Hoje em dia, após séculos de colonização inglesa e depois norte-americana, os havaianos já não explicam erupções como “castigos dos deuses”. Ou os índios brasileiros, obrigados a substituir as línguas nativas pelo português e a nudez pelas roupas européias. Esses são exemplos de aculturação. Entretanto, muitos antropólogos não concordam com essa perspectiva. Vamos refletir.

Aculturação é literalmente: negar a cultura; perder a cultura. O prefixo “a” é ausência, negação. Utilizado por muitos cientistas sociais para descrever fenômenos de perda de tradições, de referenciais próprios. Mas, muitos antropólogos entendem que não existe cultura totalmente pura, isolada ou que não aproveite traços e deixe-se influenciar por outras. Afirmamos sempre que a cultura é dinâmica. Desse modo, se formos pensar rigorosamente, qual cultura não seria jamais aculturada? Nenhuma cultura cria sozinha, a não ser por total e completo isolamento, todo o conhecimento e as técnicas de mundo.

Apesar desse debate, podemos recorrer corretamente ao conceito de aculturação para muitos fenômenos que pretendemos explicar. A influência da televisão, nos valores de sociedades tradicionais, como os moradores do campo e das pequenas comunidades rurais, que passam a pensar como os moradores dos grandes centros urbanos, é uma forma de aculturação? Da perspectiva de que existem valores que estão sendo mudados não em função de uma dinâmica própria ou de necessidades reais, mas, sim, de um contato que se impõe, sim.

Síntese:

A diversidade cultural expressa a infinita capacidade humana em produzir diferentes visões de mundo. Não existem culturas atrasadas ou avançadas, e, sim, uma multiplicidade de soluções para a vida humana. Somos seres endoculturados e podemos reagir ao contato com o “outro” etnocentricamente ou pelo relativismo.

Sugestão de leitura complementar

LARAIA, Roque de Barros. CULTURA – um conceito antropológico, Jorge Zahar. 2006, 19ª ed. (* utilizar especialmente a Segunda Parte – Como Opera a Cultura)